ANO XI — BARCELOS, 20 DE AGOSTO DE 1942 — N.º 526

# Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123 — BARCELOS

## Notas de Lisboa

**1o DE AGOSTO**

Poucos dias depois de Salazar haver dado a sua memorável resposta aos dirigentes sindicais, é decretado o abôno ou subsídio familiar, que entre nós se institue pela primeira vez, em todos os tempos. Nem Salazar o prometera, naquela sua resposta, se não fôra já sua intenção decretá-lo. Sirva o que dizemos, de incentivo aos trabalhadores, para que hoje e sempre confiem no Estado Corporativo, e nos seus Chefes.

Nas considerações do decreto se diz, fugindo do que em tal matéria se faz lá fora, que o subsídio familiar é parte integrante do salário justo ou humanamente suficiente, como se lê no Estatuto do Trabalho Nacional; e, portanto, não é favor ou caridade das empresas, mas direito de quem trabalha. Com tal abôno se dá o primeiro passo para se realizar o salário de família. E é o critério do salário familiar que vale e prepondera na questão dos salários ou remuneração do trabalhador, por isso que em nossa doutrina, e segundo as realidades, o trabalhador se integra na família, ou seja que não provê pelo trabalho só ao seu sustento, senão também ao dos seus. Por conseguinte, se, pelo que respeita ás empresas patronais, o abôno de família é um dever, como parte do salário justo (que não está sujeito á lei da oferta e da procura, mas é o rendimento do trabalhador, como colaborador nato da produção); assim, pelo que toca a trabalhador, não é o indivíduo que se considera, mas quem êle representa, ou seja a família a seu cargo. E, como se pretende ajudar a família em seu fortalecimento económico e moral, tem o mesmo decreto o cuidado de, entre os chefes de família, escolher só os de família legítimamente constituida. Eis a doutrina do abôno familiar—doutrina já implícita nos princípios da nossa organização corporativa. Compreendam-na os trabalhadores, e saibam, como os patrões, que o abôno familiar é uma instituïção do nosso Corporativismo, ou seja que, embora o exigissem urgentemente as circunstâncias, algum dia tinha de ser realidade, já prevista pelo Estatuto do Trabalho Nacional.

* * *

No *Diário de Lisboa* veio há dias um artigo que pretendia informar o leitor acêrca do regime cerealífero do ano corrente; mas tão errado foi na interpretação que o Instituto Nacional do Pão se viu obrigado a refutá-lo, com o intento de desfazer dúvidas a que o mesmo artigo dava lugar. O que disse o Instituto, dizem-no os considerandos do decreto do regime cerealífero, os quais são por si mesmos bem claros. Não obstante aumentar-se o preço do trigo, e reajustarem-se as taxas de moagem e panificação, o pão de 2.ª, no norte do País, aumentou apenas de 1$80 para 1$90; em Lisboa, suprimiu-se o fabrico do de 1$80, o qual se consumia muito pouco; e não se tocou no de 1.ª, *por se entender que qualquer novo aumento podia alterar o consumo e desiquilibrar o sistema.* Além disso, o pão de 2.ª ficou a preço ainda inferior ao de tipo único, em 1934.

Ora, a orientação do decreto do regime cerealífero dêste ano, como dos decretos que a respeito do mesmo regime se publicaram, sob influência dos efeitos da guerra, é proteger a Lavoura, compensando-a do aumento inevitável do custo da produção, e de modo que não deixe de intensificar-se o abastecimento do País, por nossas próprias fôrças; e, ao mesmo tempo, evitar, quanto possível, a repercussão dêsse aumento no custo geral da vida—norma que o Govêrno prossegue, com os olhos no futuro, na política económica do após guerra. Se as circunstâncias se agravam, e agravam-se porque a guerra alastra com todos os seus perniciosos efeitos, impossível é que o custo da produção se não agrave também; e, portanto, com fim mais alto, qual é o abastecimento do País, não se pode deixar de proteger a Lavoura, embora com as cautelas referidas. E, como se vê do decreto, muito leves são os sacrifícios pedidos ao consumidor.

Tudo isto é claro, e tão claro que todos o vemos, sem mais interpretações.

Uma das razões do novo regime cerealífero é o aumento dos salários rurais, em trabalhos de grangeio e, principalmente, nas ceifas, *visto ter sido possível, a-pesar-das contingências da guerra, manter quasi ao mesmo nível os preços dos adubos.* O decreto diz, a propósito, estas palavras, que a Lavoura deve não esquecer, particularmente os trabalhadores:—*E' preciso reflectir que a estabilidade das condições de vida—objectivo que o Govêrno prossegue incansávelmente—é incompatível com a exagerada alta dos salários.*

Lembra o decreto que o único meio de evitar abusos duma parte e outra, e de se conseguir melhor salário, além de outras regalias para quem trabalha, é o contrato colectivo, que nalgumas regiões tem dado excelentes resultados.

**A. da F.**

# Se nós quisermos!

O regime cerealífero do ano corrente, há pouco decretado, teve bom acolhimento no País, como mostram as referencias da Imprensa e as informações chegadas de toda a parte ao Ministério da Economia. E' que, de fato, se fez, nos termos mais razoáveis, a conciliação dos interêsses legítimos da Lavoura, da Industria e dos consumidores, dando ás primeiras compensações equitativas dos respectivos aumentos de despesas provocadas pelos reflexos económicos da guerra e evitando aos ultimos um agravamento incompatível do preço do pão.

O Govêrno mantém, portanto, nesta matéria, os princípios da sua política de antes da guerra, sujeita apenas ás correcções e adaptações mínimas, exigidas pelas circunstancias. Por outras palavras: o Govêrno considera indispensavel continuar a política de fomento cerealífero pelas razões de ordem financeira, e económica já conhecidas e ainda pela necessidade cada vez mais premente de garantir, enquanto durar a guerra, o sustento da população com os recursos proprios da produção nacional, unicos com que podemos, de certeza, contar.

Os cereais, designadamente o trigo, pesam na balança economica do País como um dos seus maiores valores, sendo isto que explica e justifica os constantes cuidados especiais do Govêrno a seu respeito. Demais sabemos todos que é, em grande parte, á intensificação da cultura cerealífera que se deve o ter-se podido sustentar a Nação em crencente aumento demográfico e amealhar fundos para a restauração dos meios de defesa nacional em que tão ardorosamente andamos empenhados. Quanto mais cereais produzirmos, mais oiro ficará no País, e maiores serão, consequentemente, as nossas possibilidades de desenvolvimento economico, de fôrça, de liberdade e de independencia nacional.

Posta, assim, a questão, é facil de ver que estamos perante um princípio basilar da política económica do Govêrno que consiste, essencialmente, em aproveitar e valorizar ao maximo os recursos nacionais do solo, sub-solo, dos rios, dos mares e dos ares, de capital, tecnica e trabalho, para aumentar a riqueza e a prosperidade geral.

Esta idea é simples, clara, indiscutivel. Todavia, dado o sistema dos nossos sentimentos e hábitos individualistas, exige de todos algum esfôrço de compreensão e de boa vontade. E' preciso trabalhar para o comum, de olhos postos no interesse nacional. E' preciso dispormo-nos a ter fé nestas palavras do Sr. Presidente do Conselho, *Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação!*

—*Se nós quisermos!*

—E porque não havemos de querer, sendo tão fortes as razões de querer! A verdade é que não podemos deixar de querer, porque essa é uma das condições fundamentais, necessárias, da conservação da nossa existencia nacional! E' preciso viver. E não apenas viver, mas viver com dignidade como povo livre e independente!

**Este número foi visado pela Comissão de Censura**

## POLITICA DE VERDADE

Nas considerações do decreto que instituíu o salário familiar, diz-se que, a-propósito, *o Estado Corporativo deu mais um passo em frente, no campo da sua política social,* e que esta *tem sido, acima de tudo, política da verdade. Política da verdade* é tôda a política do Estado Novo, como se vê em sua obra:—*obra séria,* em que, antes de realizada, ou de ser possível realizar, nunca nada se prometeu ou se promete, para nunca se faltar á promessa; *obra realista,* em que, embora não indiferente ao ideal de relativa felicidade humana, não se procuram soluções de ocasião, mas perpétuas, e de harmonia com as realidades; *obra nacionalista,* em que se não atende só aos interêsses das classes, senão ainda ao interêsse da Nação, e, demais, subordinando aquêles a êste—como regra suprema de verdadeira justiça social. Ora, tudo isto é o que constitue a *política de verdade* do Estado Novo, e lhe dá o nome do qual justamente se orgulha o nosso Govêrno. No decreto a que nos referimos, acima, lá vemos *obra séria,* pois nada se prometeu antes de ser possível a realização, do salário familiar; lá vemos *obra realista,* pois, em teoria característicamente nossa, do nosso Corporativismo, resolveu-se de harmonia com as nossas realidades, em soluções práticas, apenas norteadas pelo *critério de família,* e não do indivíduo; lá vemos ainda *obra nacionalista,* pois não se atendeu só aos trabalhadores, senão também aos patrões e ás emprêsas—por isso que entre uns e outros tem de haver solidariedade exigida pelo interêsse nacional.

## Escola de Chefes --- Fábrica de homens novos

Iniciou-se em Lisboa o XI Curso da Escola Central de Graduados da Mocidade Portuguesa. Frequentam-no 214 rapazes: 51 futuros comandantes de bandeira e 163 futuros comandantes de castelo. No curso estão representadas tôdas as províncias: para o frequentar vieram rapazes do Minho e do Algarve, do Alentejo e das alturas transmontanas, das Beiras e do Ribatejo. Estão igualmente representadas tôdas as actividades sociais: há estudantes dos liceus e das escolas industriais e comerciais, empregados, operários e pescadores, entre êstes alguns de Sezimbra. Mas, sob a mesma camisa verde, com o mesmo uniforme de trabalho, são todos iguais. Todos por igual rapazes de Portugal, filiados da Mocidade Portuguesa, futuros chefes, futuros capitães da juventude—e nada mais.

O novo curso tem um patrono: Martim de Freitas, alcaide de Coimbra.

Tem uma divisa: «Lealdade aos Chefes».

Tem um guião. E' vermelho — da côr do heroísmo e do sacrificio.

O curso durará um mês e terminará por um acampamento na Arrábida. Ao longo dêsse mês os rapazes receberão uma intensa preparação—tanto

# APOSTOLADO DOS DOENTES

IGREJA DE SANTO ANTONIO

Continua a celebrar-se com grande concorrência de pessoas inscritas a MISSA DOS DOENTES, que todos os meses se celebra na Igreja de Santo Antonio, no domingo a seguir ao dia 13 de cada mez.

Todos temos doentes, do corpo e da alma. Porisso seria bom que todos os católicos assistissem a essas Missas para pedirem a Jesus Sacramentado, que é exposto uns momentos, a seguir ás Missas, pelas nossas necessidades e das dos nossos queridos doentinhos.

Conforme foi anunciado oportunamente, para participar das intenções da Missa dos Doentes e das orações que se fizerem durante ela, é suficiente inscrever-se no Livro dos Doentes, que está na Sacristia da Igreja de Santo António.

A inscrição é absolutamente gratuita e qualquer pessoa pode fazê-la, quer por si, quer para os seus familiares e amigos.

No entanto, as pessoas que quiserem oferecer alguma esmola, têm direito a orações especiais, tendo para isso de comunicar o seu desejo no dia anterior á celebração da Missa dos Doentes. As pessoas que não oferecerem qualquer esmola precisam apenas de dar o seu nome todos os meses que quiserem participar das referidas intenções.

A seguir á Missa dos Doentes dá-se a Bênção com o Santíssimo Sacramento.

NOVO HORARIO DE MISSAS:

Domingos e dias Santos: ás 6 e meia, ás 8 e ás 9 e meia horas.

Nos outros dias da semana: ás 6 e meia, ás 7 e ás 8 e meia horas.


**RELOGIOS**

Said
Cima
Tissot
Omega
Amyria
Resios
Benex
Douglas
Cortebert
Economico
e outras marcas

Grandes sortidos em relógios de parede da «Bôa Reguladora» de Famalicão

VENDEM-SE NA
RELOJOARIA SILVA
á Rua D. António Barroso
BARCELOS


no que respeita á doutrina como no que respeita á técnica da Mocidade. Não se esquecerá a formação do carácter. Trata-se, emfim, e isto diz tudo, de uma escola de chefes, de uma verdadeira escola de chefes. E quem quizer ser chefe—disse-o num discurso o Comissário Nacional, sr. dr. Marcelo Caetano, aos alunos do XI Curso—«tem de preparar-se pelo estudo. Mas, além disso, tem de revelar, adquirir e exercer grandes qualidades morais. Tem especialmente de mostrar-se um homem de carácter—verdadeiro, leal, corajoso, sabendo medir o valor das suas palavras e tomar a responsabilidade dos seus actos»

Escola de chefes—fábrica de homens. Fábrica de homens novos—diferentes—mais fortes, mais puros, mais aptos para a vida áspera, mais capazes de grandes coisas. Das grandes coisas—terrível e gloriosa responsabilidade—que Portugal, confiadamente, espera dêles!

# A Mocidade Portuguesa e as práticas desportivas da juventude

Em determinados meios desportivos, ou mal imformados, ou mal intencionados, provocaram alguma efervescência as normas regulamentadoras do desporto juvenil—normas essas que o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa decretou e entraram em vigor, como se sabe, agora no dia 1 de Agôsto.

Receava-se ou fingia-se recear que as medidas adoptadas—em defesa do futuro da raça—contrariassem de algum modo o desenvolvimento e o gôsto das práticas desportivas entre a juventude. A êsses receios—sinceros ou não—pôs termo, porém, a entrevista que ao semanário «Os Sports», e por intermédio do conhecido desportista dr. Salazar Carreira, concedeu o Comissário Nacional adjunto da M. P. sr. major Frederico Vilar, o qual, entre muitas outras coisas, afirmou:

—«O desporto (e não apenas o desporto juvenil—único, repito, que interessa e compete á Mocidade Portuguesa) há-de praticar-se ainda mais quando se praticar melhór. No caso do desporto juvenil—quando se praticar por forma a destruir a desconfiança dos pais, que receiam justificadamente pela saúde e até pelo equilíbrio moral dos filhos, destruindo ao mesmo tempo, a desconfiança, *que existe*, dos próprios rapazes, que desejam encontrar melhor ambiente para as suas práticas desportivas, mais amplas garantias de boa orientação e de seriedade superior ás contigências e aos interêsses particulares desta ou daquela agremiação, só preocupada com recolher taças e coleccionar triunfos, ainda que á custa do esfôrço exagerado, do uso e abuso dos jovens que emprega».

Palavras claras. Palavras firmes. Palavras que não deixam margem a quaisquer dúvidas. Como acentuou também o sr. major Vilar:

—«A Mocidade Portuguesa só pretende afinal, uma coisa—mas aí não desiste nem transige: a Mocidade Portuguesa só pretende que o exercício do desporto pela juventude não decorra ás cegas, antes pelo contrário mediante criteriosa orientação médico-pegagógica, indispensável numa altura em que o organismo do homem está em plena formação e qualquer desvio ou qualquer excesso pode causar estragos irreparáveis para o resto da vida e para o vigor da raça».

## *Farmácias de serviço*

—

No proximo domingo estão de serviço permanente as farmácias Moderna no Largo da Porta Nova e Faria em Barcelinhos.


**Farmacia J. Alves de Faria**
BARCELINHOS
Especialidades farmaceuticas,
Produtos químicos, Artigos de borracha e Perfumarias
Aviamento escrupuloso de receituário
SERVIÇO PERMANENTE
TELEFONE, 45

**SILVA FREITAS**
MÉDICO
Doenças da bôca e dentes
Prótese dentária
Não dá consulta aos domingos durante o mês de Agôsto


# PELO RIO

O passeio fluvial de domingo constituiu, incontestavelmente, um grande acontecimento desportivo e recreativo.

Cêrca de 40 barcos, conduzindo 200 pessoas, ou talvez mais, fôram, rio abaixo até Espozende e regressaram, rio acima, a Barcelos.

Todos viveram, em cheio, um dia de rio e, duma maneira geral, quási todos, praticaram os desportos do remo e da vela.

A êste grandioso acontecimento náutico refere-se, noutro logar e com o devido relevo, o redactor-desportivo dêste semanário que tomou parte no passeio como enviado especial do nosso jornal. Entendemos porem que nesta secção não deviamos deixar de focar, mesmo em rápido instantâneo, a excursão de domingo porque alem de ter sido uma boa jornada náutica foi ainda a melhor, e maior, manifestação barcelense pro-rio de todos os tempos.

Pelo êxito retumbante que constituiu o passeio fluvial de domingo está de parabens a comissão organizadora e muito especialmente os nossos amigos snrs. João Luiz Ferreira e António H. Cardoso e Silva, velhos apaixonados e conhecedores das belezas e dos encantos do nosso rio.

* * *

A nossa lembrança da construção de cais de madeira tanto no Pessegal como junto á ponte mereceu plena aprovação dos frequentadores do rio. Houve até quem lembrasse que o cais do Pessegal podia ser construido de modo a servir também para guardar barcos.

Esta idea não é desinteressante mas quando lembramos a construção do cais foi sempre com a intenção que o cais era para se fazer e não para ficar em projecto... Nesta ordem de ideias lembramos apenas a necessidade da construção dum pequeno cais no Pessegal.

Como até ao presente nenhum club deu sinal de si e porque continuamos a reconhecer a mesma necessidade voltamos a insistir não na construção dum pequeno cais mas, pelo menos, na colocação de duas estacas no rio sôbre as quais assentem duas tabuas que abranjam a margem do Pessegal...

Para que êste pequeno mas útil melhoramento se faça, não apelamos para qualquer dos nossos clubs náuticos mas para dois donos de barcos de recreio. A obra é simples e de facil execução, podendo um emprestar as duas tábuas e o outro encarregar-se de as colocar...

* * *

Supomos que todos os frequentadores do rio estão de acordo que no Pessegal, é impossiuel a prática do desporto do remo.

O Vasco da Gama, há anos, chegou a efectuar regatas em Santo António e um remador dêste club ainda há dias nos afirmou que essa parte do rio é esplêndida para regatas. Se aí se pudesse praticar o desporto do remo, o lugar era muito acessivel tanto para os praticantes como para os assistentes. Ignoramos se nêsse local é ou não possivel a prática do remo mas sabemos que há outros pontos do rio, não muito distantes de Barcelos, onde a prática dêsse desporto se pode fazer nas devidas condições.

Preguntamos: não seria conveniente que os dirigentes dos nossos clubs náuticos, pensando como todos os frequentadores do rio, deixassem, definitivamente, de praticar o remo no Pessegal e procurassem um outro local?

No Pessegal há muito a fazer e êste local é optimo mas somente para recreio e para se praticar a natação.

* * *

O Vasco da Gama, o club náutico mais antigo de Barcelos, em épocas anteriores, chegou a acusar a sua presença no rio de maneira visivel, instalando barracas de madeira nas duas margens e um trampolim no areal.

O esforço que os actuais dirigentes dêste simpático club têm dispendido na presente época é já notavel e assim, em parte, justifica-se a ausência do Vasco da Gama na *praia fluvial*. Mas, segundo nos informam, com um pequeno arranjo, o Vasco da Gama, pode colocar novamente no areal o seu trampolim.

—Porque o não faz?

Com tal decisão o Vasco da Gama assinalava a sua presença no rio com certa repercussão e agrado geral dos apaixonados da natação.

X. Y. Z.

## NOTICIAS DIVERSAS

Na Póvoa do Varzim, em companhia de sua esposa e filha, encontra-se o nosso amigo sr. Dr. António Rodrigues Miranda.

—Nesta cidade, com suas filhas, encontra-se a esposa do nosso amigo sr. José Barreto de Faria, considerado director técnico do Laboratório Unitas de Lisboa.

—Na praia de Afife, encontram-se a veranear as famílias dos nossos amigos srs. Dr. José da Graça Faria Júnior e Manuel Virgínio de Carvalhs.

—Em Fão, encontram-se as famílias dos nossos amigos srs. Dr. Ascensão Correia e António Emilio de Faria.

—Na praia da Apulia, com sua familia, encontra-se o nosso amigo, sr. Manuel Maria Simões Correia, de Encourados.

## SOCIEDADE

**Aniversários**

**Fazem anos:**

Hoje a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro Lima de Azevedo Fonseca e e sr. Fernando Vieira Ramos.

Sábado—a menina Maria Antonieta Fernandes Rodrigues.

Domingo—a menina Maria Guilhermina Leite de Abreu Novais Correia Malheiro.

Segunda-feira—as snr.as D. Ester Alçada Guimarães e D. Maria José Pereira Esteves.

Quarta-feira a sr.ª D. Olindina Miranda de Andrade e o sr. Dr. Francisco de Andrade.

## Aos nossos assinantes do Concelho de Barcelos

Estamos a proceder á cobrança das assinaturas do nosso jornal referente ao corrente ano. Como a cobrança feita nas respectivas freguesias do nosso concelho se torna muito trabalhosa e dispendiosa, vimos pedir o favor a todos os nossos estimados assinantes de virem ou mandarem pagar essas assinaturas á nossa redacção.

Encontrando-se tambem no nosso concelho ainda muitos assinantes que não pagaram as assinaturas de 1941, de igual modo agradeciamos o favor de virem ou mandarem pagar essas assinaturas a esta redacção.

A todos, agradecemos, desde já, êste especial favor.


**DROGARIA**
PIMENTA DO VALE & C.ª L.DA
34, R. INFANTE D. HENRIQUE, 36—BARCELOS
(Taboleta amarela)
Tintas, Vernizes, Alvaiades, Oleos
Ceras e todos os artigos de pintura
AOS MELHORES PREÇOS
TELEFONE 100

## Fão á vista...

A dois passos de Barcelos, pode-se assim dizer, fica a já tão conhecida praia de Fão, frequentada por centenas de banhistas que aqui veem passar as suas merecidas férias, depois de um ano de labutas e canseiras.

E' aqui, nesta terra de povo tão acolhedor que se desfaz em gentilezas para sêr agradável aos que anualmente veem em procura de um pouco de repouso, que se reune uma colónia balnear composta de pessoas de diferentes terras, tanto do Norte como do Sul, fazendo uma vida, por assim dizer, quási familiar.

A colónia de Barcelos é, este ano, bastante numerosa.

Muitas famílias aqui estão a veranear passando uns dias agradáveis esquecendo, por completo as suas preocupações. E assim tem que ser, porque então não valeria a pena deslocar-se de Barcelos.

A' noite, o «Galo d'Oiro» encontra-se totalmente repleto de veraneantes e, de vez em quando há Caldo Verde que todos saboreiam com um apetite devorador...

Cá viemos encontrar o grupo dos três *meninos perdidos*...

O António Esteves que muito pesaroso nos disse, que ainda não pôde pegar no pincel para continuar com os seus trabalhos iniciados, devido á forte ventania que tem feito.

O Rogério Esteves, de fato branco e de Kodak ao tiracol, sempre preocupado em fazer bôas *fotos*, cá vai andando por estas ruas debaixo do olhar de numerosas pequenas...

E, finalmente, o Armando Pimenta muito triste, porque as suas férias estavam a terminar e já não pode cantar mais...

* * *

No domingo, toda a colónia barcelense fez *madrugada* para ir ao cais saúdar a excursão fluvial que de Barcelos se dirigia a Espozende.

Grande alvoroço e movimento nestas tão tipicas ruas de Fão. Por volta das 9 horas, já o cais se encontrava totalmente cheio de pessôas. Dentro em pouco ouve-se as bombas do primeiro foguête lançado no espaço, na Barca do Lago, anunciando que a *Invencível Armada* se estava aproximando. Já se vai ouvindo, ao longe, a cabine Sonoro E. S. que acompanha os excursionistas.

O entusiasmo vai aumentando e quási chega ao delirio, quando entre a bruma se descobrem as silhuetas dos primeiros barcos.

Miguel de Gueral lança o primeiro foguête com uma bomba tão *potente* que quási se não ouvia... Dentro de poucos minutos o cortejo passa em frente ao cais entre as aclamações entusiásticas das centenas de pessôas que lá estavam. Não se pode descrever o quadro que se desenrolou á vista de todos!

Os corações batiam forte e as lágrimas saltavam aos olhos de algumas pessôas.

E, ao som da Portuguesa o cortejo fluvial, compôsto por 40 embarcações seguiu para Espozende, levando o barco da vanguarda a bandeira ouro-rubro da nossa Barcelos.

Como acima dizemos, foi um espectáculo maravilhoso que só quem o viveu o póde descrever para bem dizer aos barcelenses de tão feliz realização que podem repetir o passeio não esquecendo Fão..

G. F.

## EXAMES DO 2. GRAU

Resultados dos exames do 2.º grau, efectuados na Escola Gonçalo Pereira desta cidade (continuação):

Dia 21 de Julho

1.º júri—Domingos Coelho de Brito, Francisco Mano Dias de Sá, Manuel de Andrade Boanhosa e Manuel Baptista de Sousa (aprovados).

2.º júri—António Ferreira da Fonseca, António de Miranda Neves Igreja, David Gonçalves da Luz Costa, José Furtado Martins, José Gomes Vidal, Manuel Constantino dos Santos Rico, Manuel da Silva Araujo e Miguel Miranda da Silva (aprovados).

Juri feminino—Otília Barroso Castelo Grande (distinta); Carminda da Conceição, Clarinda Antunes Rodrigues, Custódia Sousa da Mota, Josefina Mano Dias de Sá, Maria José Maciel Trigueiros, Maria Lúcia Faria Machado Ribeiro e Maria Olinda da Costa Cardoso, (aprovadas).

Dia 22 de Julho

1.º Júri—António Ilidio Coutinho do Rego e Manuel de Araujo Carvalho (distintos); Benjamim Coutada Pereira, David da Silva Escairo, Francisco Andrade Ferreira, João Calheiros Barreto Cardoso de Albuquerque e José Lopes do Vale (aprovados).

2.º juri—Luiz Gonzaga da Costa e Mário Gomes de Campos (distintos); António Barbosa do Rego, Augusto de Campos Matos, Hilário Fernandes da Cunha, Horácio Gomes Pereira e João Gomes da Mota, (aprovados).

Juri feminino—Amélia Araujo Rodrigues e Maria da Silva Matos (distintas); Florinda de Oliveira Pedrosa, Maria Auxília Martins Vilas Boas, Maria Emilia da Encarnação Chaves A. Whiteman, Maria José Garcia Marinho da Silva, Maria de Lourdes Gomes da Silva e Teresa Ferreira de Brito (aprovadas).

*(Continua)*

Calçado para verão
Chapeus ultimo modelo
Fatos—Vestidos para Senhora — Gabardines — Sobretudos
A prestações e a dinheiro na
CASA DAS GABARDINES
Largo Senhor da Cruz—BARCELOS

Colégio Alcaides de Faria
BARCELOS — TELEFONE 145
Curso completo dos liceus.
Instrução primária.
Matriculas desde 20 de Setembro a 7 de Outubro

## PELO CONCELHO

### Adães

*Agosto, 18*

Como noticiamos realizou se no dia 9 do corrente nesta pitoresca aldeia a festa em honra do seu padroeiro—S. Pedro e de N. Senhora de Fátima. Já na sexta-feira houve grande actividade dos mordomos junto da Igreja, empregando todos os esforços para que o arraial se tornasse o mais brilhante possivel. A' noitinha procedeu-se ao levantamento dos arcos no meio de grande assistência entusiasmada. Este acto terminou pelo lançamento de algum mas bom fogo.

Os mordomos da parte de cima trabalharam dirigidos pelo importante espingardeiro sr. Manuel Pereira Barbosa que apresentou e guiou os planos do embelezamento da rectaguarda do Templo.

No sábado realizou se a magestosa procissão de velas a que concorreram algumas centenas de pessoas. A imagem da Virgem foi conduzida no meio de cânticos e hinos e parecia sorrir e abençoar o povo que com o maior entusiasmo a seguia aclamando os seus louvores. No fim foi pronunciado um lindo sermão emitido pela cabine sonora E. S.

Os mordomos da parte de cima apresentaram junto do Cruzeiro a sua Boa Noite.

No domingo de manhã houve Comunhão Geral, Missa Cantada e Sermão e de tarde a Benção do S.S. A seguir fez-se ouvir o estrondo dos morteiros e fogo. Deram mais beleza a esta festa duas afamadas bandas de música que durante todo o dia satisfizeram os ouvidos do público com boas peças.

Apresentamos o nosso justo louvor aos mordomos da parte de cima, cujo arraial foi elogiado por toda a gente pela originalidade típica que apresentava e pela imponente apresentação do arco que media 22,5m de altura.

Foi-lhes concedido o prémio pelo importante e ilustre proprietário sr. Francisco de Assis Senra pertencente ao lado de baixo da Igreja e que por isso era considerado do partido oposto mas que julgou justo ser-lhe concedido um donativo gratificando os pelo seu trabalho e beleza do arraial.

—Tiveram ainda prémio do grande benemérito e importantíssimo proprietario do lado de cima sr. Zacaria Rodrigues Lopes.—C.

### Vila Cova

*Agosto, 14*

No dia 2 do corrente mês de Agosto foi a catequese em passeio até ás ruínas da igreja de Banho, freguesia extinta. Daí seguiu se até ao lugar do monte onde se conserva ainda o lindo cruzeiro da referida igreja. Acamparam aí as crianças e merendaram. Reinou alegria esfusiante depois de temperados estômagos com pão de cevada (uns setenta e cinco quilos) bolacha e vinho.

—A 9 fez-se a admissão de 26 novos cruzados.

—Faleceu munida dos sacramentos devidos a sr.ª Carolina Rosa Alves da Costa que teve oficio e mais sufrágios costumados pela sua alma.

—Foi sacramentada a sr.ª Marcelina Féliz do Vale, que não passa nada bem.

—Foi baptisado Paulino, filho do sr. Domingos José Ribeiro e Maria de Matos, sendo padrinhos os srs. Firmino Ribeiro e Deolinda de Jesus Ribeiro.

—Está terminada a colheita das batatas: no geral produziu pouco; mas também houve um ou outro batatal que produziu muito

—O vinho pendente continua a desaparecer. Raríssimos são os proprietários (menos seis em tôda a freguesia) que têm a vinha em bom estado.

—Foi batisado Manuel, filho dos srs. Firmino Alves de Matos e Evangelina Fernandes Branco; e Maria Augusta, filha dos srs. Delfim Ribeiro Cachada e Palmira da Silva Fonseca.

—A 14, visitou a Casa do Povo desta freguesia o sr. Dr. Henrique Cabral, muito digno delegado em Braga do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e devotado nacionalista.

—Estão na Póvoa de Varzim os srs. Antonio Gomes da Fonseca e filhos, Margarida Rosa de Carvalho e José Martins de Oliveira; em Esposende a sr.ª Arminda Figueiredo do Vale Souto, filho Alvaro e Maria do Vale Novais; em Caldelas, a sr.ª Maria de Lourdes Matos Lima; e, em Fão, o sr. Agostinho de Oliveira e familia—C.

### Silva

*Agosto, 18*

Vai decorrendo o tempo sem chuvas do que bastante se vão recentir as colheitas.

Batatas, centeios, e trigos, no geral, renderam pouco. Vinho não falamos, porque o desastre já é conhecido. Resta-nos a esperança do milho. —Deus se lembre de nós multiplicando o rendimento de modo a compensar o que menos houve noutros géneros.

—No antigo e nobre solar da Casa da Silva, hoje Seminário da Congregação Missionária do Espírito Santo, encontram-se em repouso os ilustres professores da mesma Congregação, Rev.mos Snrs. Abílio Rêgo e António Gomes da Silva, respectivamente Director do Instituto Missionário do Fraião-Braga e antigo Director do Seminário desta freguesia.

E' um bem merecido repouso para os distintos professores, que depois de um trabalho exaustivo para a preparação dos futuros missionários que nas terras de Além-mar são os pioneiros da civilização e cristianizadores dos povos na nossa querida Angola:—horizonte largo do Império Colonial Português.

—Encontram-se na bela praia da Povoa de Varzim algumas pessoas desta freguesia, entre as quais os srs. Joaquim Gomes de Miranda, digno presidente da junta de freguesia e Mário Teixeira de Miranda, inteligente e hábil pintor habilitado com o Curso da Escola das Belas Artes do Pôrto—C.

### Mariz

*Agosto, 18*

Conforme noticiamos na nossa ultima correspondência, realizou-se nesta freguesia o Triduo, que, como era já antecipadamente previsto, encheu de viva satisfação o nosso pôvo sempre pronto para estas sagradas solenidades.

Sem duvida, alcançaram um brilho indiscretivel estas solenidades, principalmente no ultimo dia, sábado passado.

Para esse indiscretivel brilho muitissimo contribuiu o nosso respeitavel e bondoso Pároco sr. P.e José Manoel de Sousa e o sr. P.e Domingos Marques da Silva, Pároco de Curvos, que foi o distinto prégador nos quatro dias destas solenidades que prendeu toda a atenção do nosso pôvo.

O arranjo e aceio como dispuzeram a nossa igrejinha para esta festa muito contribuiu tambem as pessôas de tal encarregadas, pelo que mereceram de toda a gente os mais justos louvôres.

Mas, o dia de sábado destas sole-

UVAS DO DOURO
Vendem-se na
LEITARIA PRIMOROSA
Em frente á Praça do Mercado

# 1.º PASSEIO FLUVIAL A ESPOSENDE

## Bôa viagem e melhor regresso — Duas terras ao desafio — Duas recepções encantadoras

*(Do nosso enviado especial)*

Diante deste cenario grandioso, que se depara aos nossos olhos, pregunto, muitas vezes, a mim próprio, que atracção profunda ou que misterio inenarravel envolve a natureza nestes lugares, para que seja tam extraordinário o seu dominio e tam intensa a sua influencia moral; mas o rio e as suas frondosas margens, pelas sugestões que desperpertam e pela poesia a que dão origem, explicam suficientemente o entusiasmo que nos vai na alma, neste momento único, inédito, da nossa vida: como que adquire, aos nossos olhos, uma personalidade e uma estranha irradiação de vida afectiva.

Se toda a paisagem é, como pretendia alguem, um estado d'alma, devemos concluir que tudo o que constitui a sua expressão exterior se completa e se transfigura maravilhosamente pelos sentimentos com que nós a encaramos.

Para as almas indiferentes, a sua linguagem é, com certeza, muito limitada e pobre.

Só bem a compreendem e amam aqueles que profundamente a sentem.

Os que a encaram na plenitude da sua intimidade, recolhida e sentidamente, saboreando a planicie frondosa e verde—verdes de muitos tons—tem, positivamente, de ver os seus cortes acidentados, as cristas sinuosas e recortadas dos montes, os disfiladeiros imensos, ou os seus pendores enegrecidos; e se observam ainda a exuberancia da sua vegetação e a riqueza incomparavel desta toalha liquida, sobre a qual navegamos languidos e serenos, hão-de exteriorisar o seu contentamento, tornando-se mais humanos e mais sensiveis a estas manifestações de incomparavel beleza.

* * *

Ideia a todos os titulos feliz dessa comissão que se abalançou a organisar o 1.º Passeio Fluvial a Espozende, merece os mais entusiasticos louvores, não só da população de Barcelos, ou daqueles que tiveram o prazer inegualavel de tomar parte no passeio, mas das proprias autoridades e do Turismo, especialmente.

A este organismo incumbe e cabe a propaganda desta terra, linda por excelencia, de bôa gente por tradição. Mas quando não quizer massadas, tem a restrita obrigação de patrocinar iniciativas desta natureza que, pelo seu valor intrinseco, requere dispendios que as pessoas não podem suportar nem cobrir.

*Parar é morrer*, e pelo progresso e desenvolvimento de Borcelos pouco ou nada se tem feito. Custa dizer, mas as verdades não se calam -- em contradição ao aforismo que diz que *nem todas as verdades se devem dizer.*

E nós, com o respeito que devemos e com a consideração que todos nos merecem, aqui as proclamamos, claras, sem subterfugios.

Encaminhemos todos os nossos esforços para o Rio—o melhor centro de propaganda e de turismo que possue Borcelos.

Desenvolva-se, ali, a actividade de todos os bons barcelenses, para maior e mais rapido engrandecimento de um dos maiores centros fabris e comerciais do Minho.

Confiem á iniciativa particular essa missão, mas dispensesse-lhe a colaboração moral e material absolutamente indispensavel, necessariamente imprescindivel.

* * *

Por volta das 4 horas da madrugada de domingo, ouve-se, quasi-simultaneamente, em varios pontos da cidade, o estalejar de foguetes, como aviso indicativo que era chegada a hora de fazer preparativos para a partida da grandiosa excursão fluvial; no entanto, a essa mesma hora, já no cais de embarque se encontravam muitas dezenas de pessoas, entre as quais se viam muitos curiosos que ali foram levados para assistir ao grandioso espectaculo da partida.

Trinta e trez barcos, a maior parte deles engalanados com bandeiras e festões bizarros, tendo como *chefe* uma grandiosa e bem construida embarcação, e na qual se fazia conduzir, além de dezanove pessoas - dezanove!—a cabine sonora E. S. e toda a aparelhagem inerente, achavam-se ancorados no cais da Fonte de Baixo. E á medida que as tripulações iam chegando e o embarque se ia fazendo, metodica e cuidadosamente, iam deslisando rio abaixo, em busca de sensações novas, á procura da beleza e da emoção.

A-pesar da noite estar escura, tudo correu pelo melhor lado, não se registando qualquer incidente, o que, a dar se, seria desculpavel atentas as circunstancias do momento: a escuridão da noite e o aglomerado de barcos.

O embarque durou até depois das seis horas, sendo o ultimo a *largar* o gasolina em que era condusido o «comandante da esquadrilha» — sr. João Luiz Ferreira — que durante todo o percurso foi incansavel a prestar informes, indicando as melhores aguas e a maneira mais facil á navegação.

O açude de Meresses foi atingido ainda de noite, motivo porque a passagem das embarcações foi feita com relativa dificuldade, todavias sem que houvesse qualquer nota desagradavel.

O dia foi então aparecendo, deixando-nos a noite uma neblina densa, que não prejudicando a navegação, não permitiu aos excursionistas admirar as belezas excepcionais que se iam descrevendo ante os nossos olhos sedentos.

Toupeira, Azenha Velha, Maranchão, Barca, Fornos da Cal e outros logares pitorescos nos iam sendo indicados sempre pela solicitude e entusiasmo do *mestre* da caravana.

Na Barca do Lago, fez-se a concentração. Todas as embarcações fizeram paragem para receber instruções e os numeros de ordem que lhes ia caber na longa fila indiana que era magestosamente comandada pelo batelão da cabine.

Aqui, ainda por especial gentileza do sr. João Luiz Ferreira e para mais facil cumprimento da nossa missão, passamos do fragil batel em que seguimos para o seu excelente gasolina, e nele atingimos Fão, como guarda-avançada do grandioso cortejo nautico.

F' impossivel descreve-se o delirio, o entusiasmo, a emoção que a caravana despertou nas centenas de pessoas que no cais aguardavam a nossa passagem.

Muitos barcelenses consideram espectaculo único na sua vida, o cenario de maravilhosa grandesa que se desenrolou, naqueles fugidios minutos, ante os seus olhos lacrimosos de emoção.

A poucos metros do cais a cabine fez-se ouvir com o Hino Nacional, ao mesmo tempo que subiam ao ar numerosos foguetes que manifestavam bem o entusiasmo e satisfação que reinava em todo o cortejo.

E atraz de nós, ainda sob o ruido das palmas quentes, as silhetas mal se divisavam, a esconder-se na forte neblina que então envolvia o espaço.

E lá fomos, ponte fóra, a caminho do fim, levando gravados no nosso espirito momentos indeleveis de alegria e de emoção.

* * *

Espozende avista-se por entre a bruma e mal se divisam as pessoas que no cais aguardam anciosas a nossa chegada.

Ouvem-se, no entanto, ainda longe, os acordes da musica e o estalejar das girandolas. Muitas centenas de pessoas, de todas as camadas sociais, se estendem ao longo da amurada que freneticamente saudam os excursionistas barcelenses.

Momentos de apoteose e de grandeza.

Momentos de indiscritivel entusiasmo e de incomparavel beleza.

A cabine repete o Hino Nacional. Todos se descobrem e respeitosamente, emotivamente, assistem ao desfilar das trez desenas de embarcações, enquanto se ouve o som da musica.

Esta pára e revoa no espaço a ovação mais eloquente e que tambem nos pareceu a mais sincera, a saudar, braços abertos, como num forte amplexo fraternal, a unir dois povos visinhos, que, a-final, são e sempre foram amigos.

O desembarque, a organização do cortejo, o desfilar deste, a sessão de boas vindas, tudo, emfim, são motivos que ficam interminavelmente gravados nos corações de todos quantos assistiram a estas manifestações de simpatia.

Estandartes, corporações, sindicatos, clubes desportivos e nauticos, autoridades, tudo se encorporou no cortejo que teve o seu fim, por entre aclamações delirantes e os vivas mais entusiasticos, no Teatro Club, onde se realisou a sessão, á qual presidiu o Snr. Professor Carlos Martins, distinto esposendense e da melhor representação social.

Ladearam-no os Snrs. Francisco Monteiro Torres, Vice-Presidente da nossa edilidade, João Luiz Ferreira, Presidente da Comissão Promotora do Passeio, e os Presidentes da Comissão das Festas da Vila e do Club Fluvial Esposendense. Indistintamente tomaram logares no palco os representantes dos clubes nauticos de Barcelos, impremsa e outras individualidades de representação.

Feito silencio, usou da palavra o Snr. Professor Carlos Martins que, num improviso cheio de eloquencia e de fino recorte literario, saudou os excursionistas, fazendo afirmações, as mais lisongeiras, como querendo deixar antever a lhaneza, a hospitalidade, que sempre demonstrou e que já é uma tradição, da fidalga e progressiva vila.

Disse do muito que Esposende deve aos barcelenses e da maneira franca e cordial como os esposendenses teem sido tratados na cidade do Cavado.

Terminou o seu bem elaborado discurso, ao qual todos os presentes estiveram presos, abraçando o Snr. Monteiro Torres, afirmando que nesse abraço ia todo o desejo que tinha em unir mais as duas terras e que poderia ainda traduzir o abraço que não podia dár em cada barcelense ali presente.

Em nome da caravana excursionista e só nesse acto convidado para tal, agradeceu as palavras amigas e entusiasticas de saudação acabadas de ouvir, José Teixeira, que muito breve e simples disse o que nesse momento lhe ia na almo

Referiu-se ás damas esposendenses que, com as flores lançadas sobre o cortejo, distribuiram os melhores sorrisos aos excursionistas. Ergueu vivas a Esposende e ao seu hospitaleiro povo.

O Sr. Francisco Torres, seguidamente, disse da sua surpreza por tudo quanto acabava de assistir que bem excedeu a sua espectativa, e como representante da Camara de Barcelos, embora sem caracter oficial, não podia deixar de agradecer a manifestação grandiosa e sublime que acabava de ser prestada aos seus municipes.

O presidente da sessão encerrou esta, por entre quentes ovações de entusiasmo e vivas a Barcelos, aos excursionistas e aos clubes nauticos e desportivos.

Os excursionistas dispersaram, depois, pelas ruas da vila em festa, até á hora do repasto e depois até ao momento do regresso.

Este fez-se com a melhor ordem e sem qualquer incidente, com a melhor boa disposição, achando-se no cais de embarque muitas dezenas de pessoas que, com o acenar de lenços, manifestavam ainda a sua simpatia e admiração pelos excursionistas barcelenses.

Pelas dezasseis horas e com a maré boa, começaram a largar os primeiros barcos, vélas ao alto, corações trasbordando de alegria e no peito o bater da ansiedade.

**Jota Tê**

---

nidades foi, sobremaneiramente falando, um dia de solenidades. Com a mais selecta e concorridíssima assistência a todos os actos, teve lugar, de manhã, uma missa, comunhão geral e prática; de tarde, têrço, sermão, procissão e Bênção do SS. Sacramento.

—Com ferimento num pé continua enfermo o sr. Manoel Gomes da Costa.

—Tem passado tambem mal de saúde o sr. Manoel Santos.

—Domingo, logo de manhã cêdo, passou aqui uma caravána de barcos, em passeio até Espozende segundo nos informaram, vinda dessa cidade.

Vimo-la passar aqui no regresso ao fim da tarde.

Bem organisada como a vimos, apresentava um lindo aspecto ao ver-se barco-atraz-de-barco subir rio acima.

—No domingo, ao fim da tarde, fomos testemunha do seguinte facto:

Três cavalheiros de barco pelo rio abaixo «como quem não quere a coisa», abeiraram-se da margem esquerda, em frente aos primeiros campos de Mariz e, com um barál munido de um gancho tiraram do fundo do rio um traço de pinheiro que, carregando-o no barco com mais dois que tinham escondidos entre os ameeiros, *tóca* novamente, «como quem não quere a coisa», pelo rio acima.

Ficamos espantados!

Isto é mais um caso egual a outros que nós aqui temos tratado.

Tambem já principiaram—quem não sabemos—a *mondar* o feijão dos campos do rio nesta freguesia. E brevemente, como de costume, e sem se saber tambem quem, principiará a *monda* das espigas de milho e em seguida irá as uvas das látas.

Tambem se viu aqui no nosso rio —esta informação agora foi-nos fornecida por pessoa de confiança dessa cidade - um barco a deslizar por o rio abaixo carregado com vário aráme em fio e em cábos.

Ora, não haverá maneira de se pôr côbro a estes abusos?

Parece-nos que sim.—C.

### Transcrição

O artigo que hoje publicamos com o titulo «Se nós quisermos!» é transcrito do brilhante jornal da capital «Diário da Manhã».

### *Doente*

Encontra se doente o nosso amigo snr. Alberto Guimarã Valese.

—Desejamos-lhe rápidas melhoras e um pronto restabelecimento.